

# O horror à vida interior e o romance filosófico *A Náusea*

*Horror to interior life and the philosophical novel Nausea*

DOI:10.12957/ek.2018.38299

Dndo. Rafael de Sousa Pinheiro  
**rafael.pinheiro2306@gmail.com**  
Universidade Federal da Bahia

Mnda. Bruna Santos da Silva  
**brunasanb@gmail.com**  
Universidade Federal da Bahia

O objetivo do presente trabalho consiste em explicitar os fundamentos da crítica de Sartre ao determinismo psicológico e à noção de intimidade, citados pelo filósofo como pertinentes à obra de autores como Proust e Balzac, e apresentar o romance filosófico *A náusea* como uma proposta alternativa de literatura que estabelece uma descrição compreensiva de como os homens vivem, sem recorrer a determinismos ou à ideia de intimidade. Para tanto, inicialmente, busca-se apontar a teoria fenomenológica da consciência desenvolvida por Sartre em *A transcendência do ego*, e como o modo de aparição do “Eu” enquanto um objeto correlato de uma intenção reflexiva, é constituído como polo passivo e inerte de estados, de tal modo que a consciência, espontaneidade impessoal, permanece inafetável, argumento que fundamenta a crítica ao determinismo psicológico. Em seguida, a partir do texto *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: A intencionalidade*, desenvolve-se a crítica de Sartre à noção de intimidade, presente, por exemplo, na obra de Proust. Por fim, apresentam-se as características do romance *A náusea* que a constituem como uma proposta alternativa de literatura, uma possibilidade compreensiva da realidade humana livre de pressupostos deterministas e da noção de intimidade.

## **PALAVRAS CHAVE**

espontaneidade impessoal. determinismo psicológico.intimidade. náusea.

The aim of the present work is to explain Sartre's critique of psychological determinism and the notion of intimacy, as cited by the philosopher as relevant to the work of authors such as Proust and Balzac, and present the philosophical novel Nausea as an alternative proposal of literature which provides a comprehensive description of how men live without resorting to determinism or the idea of intimacy. In order to do so, we first try to point out the phenomenological theory of consciousness developed by Sartre in *The Transcendence of the Ego*, and how the mode of appearance of the "ego" as a correlated object of a reflexive intention is constituted as a passive and inert pole of states, in such a way that consciousness, impersonal spontaneity, remains unassailable, an argument that grounds the critique of psychological determinism. Then, from the text *A fundamental idea of Husserl's phenomenology: intentionality*, Sartre's critique develops to the notion of intimacy, present, for example, in Proust's work. Finally, we present the characteristics of the novel Nausea that constitute it as an alternative proposal of literature, a comprehensive possibility of human reality free of deterministic presuppositions and the notion of intimacy.

**KEYWORDS** impersonal spontaneity. psychological determinism. intimacy. nausea

## Introdução

A explicitação dos fundamentos filosóficos da crítica de Sartre ao determinismo psicológico e à noção de intimidade, bem como a apresentação das características do romance filosófico *A náusea* que o constituem como uma proposta alternativa de literatura, estão pautadas, no presente trabalho, em uma leitura interpretativa que se fundamenta metodologicamente a partir do conceito de *vizinhança comunicante* (SILVA, 2004). Esta noção se estrutura a partir de uma renúncia à interpretação simplificadora das relações entre filosofia e literatura no pensamento de Sartre, segundo a qual a função da última seria ilustrar teses filosóficas (PERDIGÃO, 1995; BORNHEIM, 1971) com o objetivo de torná-las mais acessíveis a um público de não filósofos, ao apresentar em concreto situações tratadas abstratamente pela teoria. Ora, considerando que as duas formas de expressão, filosofia e literatura, não dizem as mesmas coisas, porém, ao mesmo tempo, que o Sartre filósofo e o ficcionista não dizem coisas completamente diferentes, o princípio da *vizinhança comunicante* propõe que há uma identidade profunda entre as duas instâncias de expressão (SAINT-SERNIN, 1990), de tal modo que a diferença entre a elucidação da ordem humana, pela filosofia, e a descrição compreensiva de como os homens vivem, pela literatura, é ao mesmo tempo a identidade entre o nível das estruturas descritas fenomenologicamente e o nível das vivências narradas historicamente. Desse modo, a identidade entre as duas instâncias de expressão acima citadas aparece, no presente trabalho, na medida em que apresentarmos a teoria fenomenológica desenvolvida por Sartre acerca da consciência e seu conceito de intencionalidade, bem como de que maneira ela fundamenta uma crítica ao determinismo psicológico, e as suas consequências para o âmbito literário, uma vez que Sartre direciona sua crítica a autores como Proust e Balzac. Além disso, esta identidade aparecerá ainda na medida em que apresentarmos as características do romance filosófico *A náusea* que a constituem como uma proposta alternativa de literatura, uma possibilidade compreensiva da realidade humana, livre de pressupostos deterministas e da noção de intimidade.

### **A crítica ao determinismo psicológico e à noção de intimidade.**

Escrito entre 1934 e 1935, a redação de *A transcendência do ego* se inicia no período em que Sartre ainda permanecia como bolsista do Instituto francês em Berlim, desenvolvendo investigações acerca da fenomenologia husserliana (BEAUVOIR, 2009). O problema principal desta obra consiste em investigar

a existência de *fato* de um “Eu” na consciência, uma subjetividade concreta (MOUTINHO, 1995). Como procedimento investigativo, visando este propósito, Sartre desenvolve uma linha argumentativa, inicialmente, negativa, caracterizada pela *expulsão*<sup>1</sup> de todo e qualquer conteúdo da consciência, uma vez que toma como princípio o conceito husserliano segundo o qual a consciência caracteriza-se pela intencionalidade, isto é, já na particular concepção<sup>2</sup> que Sartre toma desse conceito, significa que a consciência, por natureza, está voltada para fora de si (REIMÃO, 2005), é sempre consciência de um objeto transcendente. No segundo momento, seu procedimento se desenvolve enquanto fundamentação, precisamente daquilo que nomeia de *psíquico*, campo transcendente à consciência que aparece a esta enquanto um objeto. (MOUTINHO, 1995)

A hipótese de Sartre para resolver o problema acerca da existência de uma subjetividade concreta é a proposta de uma estruturação da consciência em três níveis. Segundo Sartre, há uma consciência irrefletida, anterior a qualquer ato de reflexão, caracterizada pela sua espontaneidade e por se determinar a existir por si mesma, sem que nenhuma outra consciência possa tomá-la como objeto. O segundo nível é intitulado reflexionante ou reflexivo. Trata-se de uma consciência que toma uma outra consciência como objeto, de modo que esta última estabelece o terceiro nível, o âmbito refletido. Ora, convém ressaltar que esta consciência de segundo nível, qual seja, a reflexionante, é em si mesma consciente, ainda que de maneira não posicional, não tética, pois a consciência, para Sartre, é um absoluto que é plena translucidez.

Segundo Sartre, o Eu aparece na medida em que há a operação de uma consciência de segundo grau, isto é, uma consciência reflexionante que toma como objeto uma outra consciência. É o caso, por exemplo, do ato reflexivo “eu estava lendo há pouco”. Para que um ato deste tipo seja possível, é necessário que

1 Em *O ser e o nada*, Sartre (2014, p. 22) novamente recorre ao conceito de intencionalidade para explicar que a consciência não é uma maneira particular de conhecimento, chamado sentido interno ou conhecimento de si: é a dimensão de ser transfenomenal do sujeito, isto é, que é condição de desvelamento, razão pela qual a consciência é caracterizada por Sartre sempre como uma “intuição reveladora” de algo que ela não é, quer dizer, de um transcendente. Ora, precisamente por esta característica que podemos considerar uma necessidade ontológica, “o primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo.”

2 Autores como Reimão (2005, p. 55), Mouillie (2000, p. 13) e Thévenaz (1961, p. 298) apontam que há certa “radicalidade” na apropriação que Sartre faz do conceito de intencionalidade. Primeiro, porque ela passa a ter um caráter ontológico, isto é, “a relação originária que une a consciência com a realidade não é uma relação gnoseológica, mas sim ontológica”. Segundo, ao considerar o princípio da translucidez da consciência, segundo o qual não há nela nenhum germe de opacidade, tudo nela se passa como se fosse “claro” e “lúcido”, Sartre não admite a existência de nenhum conteúdo como pertencente à estrutura da consciência, nem mesmo um ego transcendental.

antes, no âmbito transcendental, compreendido por Sartre como o campo das espontaneidades puras, uma série de atos incessantes de consciência já tenham sido dados. (Sartre, 1966)<sup>3</sup>

Nesse sentido, a hipótese proposta por Sartre leva a duas consequências que são defendidas por ele enquanto teses, quais sejam, a tese segundo a qual o Eu é um objeto transcendente, que possui existência relativa a uma consciência reflexiva, e a tese de que a subjetividade concreta, problema posto inicialmente, diz respeito ao âmbito da consciência irrefletida, isto é, uma espontaneidade impessoal, sem sujeito<sup>4</sup>.

O “Eu” caracteriza-se, desse modo, como um existente transcendente à própria consciência, mas com uma existência num plano diferente dos outros objetos correlatos da consciência irrefletida pelo fato de não aparecer espontaneamente, isto é, sua aparição depende de um ato reflexivo. Este “Eu”, diz Sartre, talvez não tenha tanto uma função essencial intelectual que prática. Seu papel, essencialmente, para além de dar uma ilusão, no sentido de aparecer como unificador de nossas vivências ou representações, é o de mascarar à própria consciência a sua espontaneidade. Ora, assumir a tese da transcendência do ego a partir do argumento dos três níveis de consciência anteriormente apresentados, leva Sartre a apontar as seguintes consequências que aqui enumeramos:

- 1) Há uma distinção entre duas esferas pertinentes à existência humana, a saber, a esfera psíquica e a esfera transcendental. A primeira acessível à psicologia pelo método introspectivo, caracteriza-se por ser uma região passiva e existencialmente relativa, pois só aparece pelo viés de uma consciência reflexiva. A segunda, caracteriza-se por ser uma esfera de existência absoluta, de espontaneidades puras

3 “Por exemplo, eu estava absorvido um pouco antes em minha leitura. Eu vou procurar me lembrar das circunstâncias de minha leitura, minhas atitudes, as linhas que lia. Eu vou desta maneira ressuscitar não apenas estes detalhes exteriores, mas uma certa espessura da consciência irrefletida, já que os objetos não puderam ser percebidos senão por meio dessa consciência e que eles lhe permanecem relativos. Essa consciência, não é necessário a colocar como objeto de minha reflexão, é necessário, ao contrário, que eu dirija minha atenção para os objetos ressuscitados, mas sem a perder de vista, mantendo com ela um tipo de cumplicidade e inventariando seu conteúdo de modo não-posicional. O resultado não é duvidoso: enquanto eu lia, havia consciência do livro, do herói do romance, mas o Eu não habitava esta consciência, ela era apenas consciência do objeto e consciência não posicional dela mesma. Esses resultados tomados não-téticamente faz com que eu possa agora fazer deles o objeto de uma tese e declarar: não havia ‘Eu’ na consciência irrefletida.” (SARTRE, 1966, p. 30)

4 É nesse sentido que Mouillie (2000, p. 5) reconhece a originalidade da tese de Sartre, na medida em que interpreta a sua teoria fenomenológica da consciência como uma crítica à ideia de um sujeito substancial em nome de uma “subjetividade sem sujeito”. Por essa razão, afirma que uma filosofia da consciência não é nem diretamente e nem necessariamente assimilável a uma filosofia do sujeito.

que nunca são objeto e que se autodeterminam a existir, região que corresponde à consciência irrefletida (MOUTINHO, 1995)<sup>5</sup>.

2) A psicastenia<sup>6</sup> passa a ter uma explicação coerente como angústia da consciência que se apercebe espontânea.

3) A ressignificação do conceito husserliano de atitude natural, que é descrito por Sartre como um esforço que a consciência faz para escapar dela mesma à medida que se projeta, isto é, se hipostasia em um 'Eu'.

4) A *Epoché* deixa de ser compreendida enquanto um método intelectual, um procedimento científico, no sentido husserliano do termo, e torna-se uma experiência existencial de angústia que se impõe a nós e que não se pode evitar. Trata-se ao mesmo tempo de um acontecimento puro de origem transcendental, pois aparece na medida em que a consciência se dá conta da “fatalidade de sua espontaneidade”, e um acidente existencial sempre possível na vida humana. (SARTRE, 1966).

Destas consequências, interessa-nos abordar a distinção entre psíquico e transcendental na medida em que o 'Eu' aparece na primeira esfera como unidade dos estados e ações. Ao analisar a constituição do ego, Sartre examina como se constituem os estados, ações e-facultativamente- as qualidades, bem como a maneira segundo a qual o 'Eu' aparece enquanto polo destas transcendências. Importa-nos aqui expor apenas como são constituídos os estados, pois é neste aspecto que pretendemos apontar a crítica ao determinismo psicológico. O exemplo tomado por Sartre é o estado de ódio:

---

5 Segundo Moutinho (1995, p. 42) “A liberação da consciência torna os campos transcendental e psíquico nitidamente separados, correspondendo a cada um uma disciplina particular, com seus métodos próprios. De um lado, ‘uma esfera transcendental pura acessível apenas à fenomenologia’, através da ‘redução fenomenológica’. É uma esfera de existência absoluta, isto é, ‘de espontaneidades puras que não são jamais objetos e que se determinam a si mesmas a existir’. De outro lado, o psíquico enquanto objeto transcendente da consciência reflexiva, esfera acessível à psicologia. Enquanto objeto, valem aqui os métodos de observação externa e de introspecção. Neste caso, ‘posso colecionar fatos que me concernem e tentar interpretá-los tão objetivamente quanto se se tratasse de um outro’.”

6 A psicastenia é um diagnóstico cunhado pelo neurologista francês Pierre Janet na obra *Les obsessions et la psychasténie*. É um transtorno psicológico caracterizado pela ausência de explicações etiopatológicas suficientemente elucidativas. Seus sintomas são a produção de ideias fixas, obsessões, impulsos, manias mentais, dúvidas, tiques neurastênicos e sensação de despersonalização.

Consideremos uma experiência reflexiva de ódio. Eu vejo Pedro, eu sinto como que uma alteração profunda de repulsão e de cólera no momento em que o avisto (já estou no plano reflexivo): a alteração profunda de repulsão é consciência. Eu não posso me enganar quando digo: experimento neste momento uma violenta repulsão por Pedro. Mas esta experiência de repulsão é ela ódio? Evidentemente que não. Ela não se dá, aliás, como ódio. Com efeito, eu odeio Pedro desde muito tempo e eu penso que sempre o odiarei. Uma consciência instantânea de repulsão não saberia ser meu ódio. (SARTRE, 1966, p. 45)

Sobre este aspecto, Sartre ressalta que o ódio aparece por ocasião de uma consciência de segundo grau (reflexiva), portanto posterior ao âmbito das espontaneidades próprio da consciência irrefletida. Por ser um estado, caracteriza-se como passivamente constituído, isto é, sua existência se dá relativamente à consciência reflexiva. Ora, convém questionar: que relação esta constatação em termos fenomenológicos tem com a crítica estabelecida por Sartre a certos tipos de literatura ligadas à expressão de um ‘Eu’?

O argumento que aqui pretendemos apontar, embora de maneira sucinta, é que a distinção fenomenológica entre região psíquica e esfera transcendental resultante da concepção de ego enquanto uma transcendência, fundamenta na obra de Sartre uma crítica ao determinismo psicológico presente nas literaturas de tipo intimista<sup>7</sup>, ligadas à expressão de um ‘Eu’, uma vez que elas propõem uma ideia compreensiva do homem a partir de uma certa “psicologia dos estados”, como se

7 Em função do caráter do presente trabalho, não é nosso objetivo expor os pormenores das relações entre o pensamento fenomenológico de Sartre e a literatura, mas convém ressaltar a existência de três obras clássicas extremamente relevantes a esse respeito, que estabelecem conexão, por exemplo, entre *A transcendência do Ego, Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: A intencionalidade* e o romance filosófico *A náusea*, são eles: *Sartre, psicologia e fenomenologia* de Luiz Damon S. Moutinho, *Ética e literatura em Sartre* de Franklin Leopoldo e Silva, e *La première philosophie de Sartre* de Alain Flajoliet. O primeiro, defende a ideia de que há uma conexão entre a narratividade de *A náusea* e a análise fenomenológica de *A transcendência do ego* pela ideia de inversão na gênese da subjetividade, isto é, do mesmo modo como o ego é fenomenologicamente descrito enquanto objeto transcendente à consciência no qual ela se hipostasia, o personagem Roquentin projeta um “Eu” fora de si e tenta tomá-lo como causa e origem de si próprio, mascarando a sua angústia. (SILVA, 2004). Já o trabalho de Moutinho explicita uma conexão entre o texto fenomenológico e o literário a partir do conceito de consciência e contingência. Para esse autor, a compreensão do conceito de consciência enquanto “nada”, campo transcendental vazio, presente no texto fenomenológico, só se torna inteiramente inteligível a partir da noção de contingência vivida pelo personagem Roquentin de *A náusea*. (MOUTINHO, 1995). O trabalho de Flajoliet vai além e defende a tese de que *A náusea* influencia a própria fenomenologia sartriana, especificamente no que diz respeito ao conceito de transcendental ressignificado por Sartre, isto é, o âmbito da espontaneidade impessoal. (FLAJOLIET, 2007; FLAJOLIET, 2008).

uma força interior determinasse a ação dos indivíduos ou como no caso do naturalismo, a partir de uma essência predeterminada. Nesse sentido, escreveu Sartre:

Não se diz, com efeito: ‘Meu ódio foi revelado...’. ‘Seu ódio era combatido pela violência do desejo de..., etc.’? As lutas do ódio contra a moral, a censura, etc., não são figuradas como conflitos de forças físicas, ao ponto de Balzac e a maioria dos romancistas (por vezes o próprio Proust) aplicarem aos estados o princípio da independência das forças? Toda a psicologia dos estados (e a psicologia não fenomenológica em geral) é uma psicologia da inércia (SARTRE, 1966, p.50)

Na obra destes romancistas, segundo Sartre, o homem é explicado a partir do princípio da independência das forças, como se os estados agissem sobre o indivíduo determinando a sua consciência, sua ação e a sua existência. Nesse mesmo sentido de crítica, no artigo *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, Sartre volta a referir-se a Proust.

Nesse artigo, Sartre retoma a crítica à chamada “psicologia subjetivista” (COOREBYTER, 2003), ressaltando agora a ideia de “vida interior”, pela qual nutria verdadeiro “horror”<sup>8</sup>, como lugar onde se manifestam as reações subjetivas defendidas pela literatura de Proust<sup>9</sup>. Em sintonia com as análises fenomenológicas desenvolvidas em *A transcendência do ego*, Sartre retoma aqui o conceito de intencionalidade enquanto necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma (SARTRE, 2003), com o objetivo de negar a existência de uma “vida interior” habitada pelo que seriam nossas representações e emoções tais como: amor, ódio e temor<sup>10</sup>. Nesse sentido, amar, odiar ou temer passam a ser maneiras de descobrir o mundo. “Odiar

8 Segundo Beauvoir (2009, p. 128), Sartre “sempre tivera horror à ‘vida interior’: ela achava-se radicalmente suprimida a partir do momento em que a consciência se fazia existir através de uma superação perpétua de si mesma para um objeto; tudo se situava fora: as coisas, as verdades, os sentimentos, as significações e o próprio Eu; nenhum fator subjetivo alterava, portanto, a verdade do mundo tal qual se dava a nós”

9 Coorebyter (2003, p. 173) ressalta que é especificamente a psicologia subjetivista que Sartre recusa em Proust, pois ele interpõe imagens, afetos e lembranças entre o mundo e nós, ao ponto de reduzir o amor a um “produto de nosso temperamento”, “um estado mental”, sem qualquer ligação verdadeira com a pessoa amada.

10 “O conhecimento ou ‘pura representação’ é apenas uma das formas possíveis da minha consciência ‘de’ tal árvore: posso também amá-la, temê-la, detestá-la, e essa superação da consciência por si mesma, que chamamos de ‘intencionalidade’, reaparece no temor, no ódio e no amor.” (SARTRE, 2003, p. 89).

outrem é ainda uma maneira de explodir em direção a ele”, isto é, tal como aparece em *A transcendência do ego*, uma espontaneidade impessoal<sup>11</sup>.

### **A Náusea: uma experiência narrativa atravessada pela contingência.**

Em *A náusea*, o personagem principal, Antoine Roquentin, instala-se numa cidade do interior da França chamada Bouville, a fim de pesquisar alguns documentos sobre a vida do Marquês de Rollebon. Nas primeiras páginas de seu diário, no qual registra os acontecimentos da sua estada na cidade, Roquentin descreve uma impressão que tivera dias antes, ao pretender atirar pedrinhas ao mar, como alguns garotos o faziam na rua: “O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra” (SARTRE, 1964, p.12)

A partir de então o personagem passa a demonstrar dúvida em relação a diversos acontecimentos que o chocam, e que o põem a pensar se as mudanças acontecem com ele ou com as coisas que o rodeiam. A cada vez que é tomado pela sensação de outrora, quando se propusera a atirar a pedra, as coisas do mundo parecem se tornar sem sentido, uma espécie de desvelamento das coisas materiais se desdobra diante dos olhos de Roquentin. As ruas, as casas, as pessoas, tudo parece fazer parte de um grande caos onde não há determinismo, nem fundamento, pois a mesma possibilidade que algo tem para acontecer de certa maneira, revela-se para o personagem como possibilidade de acontecer doutra forma, ou mesmo de não acontecer. É o que no ponto culminante da obra é revelado pela experiência da náusea, ou seja, a vivência da existência do mundo, das coisas, das pessoas e da sua falta de fundamento, de justificativas<sup>12</sup>. Tal experiência, que permite o acesso ao âmbito puramente humano, chamado por Sartre de condição hu-

11 A teoria fenomenológica da emoção é desenvolvida por Sartre na obra *Esboço para uma teoria das emoções*, publicada em 1939. Nesta obra, Sartre procura desenvolver a teoria do objeto psíquico esboçada em *A transcendência do ego*, bem como defende a tese segundo a qual a emoção é primeiramente uma consciência emocional irrefletida, isto é, antes de mais, uma espontaneidade impessoal (SARTRE, 2013).

12 “Quero dizer que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é estar presente, simplesmente, os existentes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca se podem deduzir. Há pessoas, creio eu, que perceberam isto. Somente, tentaram dominar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão de ótica, uma aparência que se possa dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito, este jardim, esta cidade e eu mesmo.” (SARTRE, 1964, p.169)

mana, culmina na constatação da total contingência<sup>13</sup> da existência, isto é, como Sartre (1964, p. 172) coloca: “todo o existente nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por encontro imprevisto”. Ora, a descrição desta vivência ou o que poderíamos chamar de “experiência fenomenológica<sup>14</sup>”, não se trata de uma constatação subjetiva, no sentido de um processo introspectivo que reconhece um estado subjetivo e que justifica as ações do personagem, mas a descrição de um acidente sempre possível na vida cotidiana, em outras palavras, um acidente existencial, razão pela qual está diretamente ligado à crítica ao determinismo psicológico presente nas literaturas de caráter intimista, especificamente como uma proposta alternativa a essas literaturas, sobretudo por propor uma narrativa de reinvenção do homem, na qual ele se depara com a sua própria existência, não em um “retraimento” subjetivo, mas “na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens”. Por essa razão, como bem coloca Silva (2004, p. 56), a narrativa do encontro do existente com a sua própria existência é também a descrição da dor e do horror de existir.

Por fim, caso se considere a sugestão interpretativa proposta por La Capra (1978, p. 98), segundo a qual *A náusea* configura-se como um anti-romance, e ainda as invectivas de Sartre à ideia de “vida interior” pertinente ao romance proustiano, bem como pertencente à escrita diarística de Henri-Frédéric Amiel, pode-se afirmar que *A náusea* é um anti-diário íntimo, pois Roquentin não leva a cabo uma *recherche* interior acerca de seu “tempo perdido”, tampouco está à procura “dos mimos” de sua intimidade. Aliás, se inicialmente busca esta dimensão, sua experiência fracassa, “pois afinal de contas tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros” (SARTRE, 2003, p. 89).

13 Segundo Sartre (1983, p. 168) a náusea é a apreensão existencial de nossa facticidade.

14 A respeito da náusea como uma experiência fenomenológica, o crítico Edmond Jaloux afirmou: “Dir-se-á, talvez, que não é um romance; mas que é um romance senão, antes de tudo, uma forma de ficção contendo uma vasta experiência?”. (CONTAT & RYBALKKA, 1991, p. 1703). Sartre agradece tal crítica com uma carta onde diz que Edmond Jaloux foi o único crítico que apresentou *A Náusea* como uma experiência fenomenológica. Esta mesma perspectiva de interpretação é desenvolvida por Blanchot (1997, p. 191-192) quando afirma que “A náusea é uma experiência narrativa de uma experiência. Antoine Roquentin está diante de um movimento que lhe escapa e a partir do qual, ele o sente, tudo vai escorregar. A aproximação desse movimento é tão importante quanto a revelação pela qual ele compreende o seu sentido, ou melhor, ele faz parte dessa revelação, é essa revelação [...] Quando Roquentin está face a face com a existência, quando a vê, compreende e descreve, na realidade ele não possui nada mais e nada muda, a revelação não o ilumina, pois não cessou de lhe ser dada, e ela não põe fim a nada, porque está em seus dedos que o apalpam, e em seus olhos, que veem, isto é, continuamente absorvida em seu ser, que a vive.”

BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BLANCHOT, M. Os romances de Sartre. in: *A Parte do Fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, pp. 186-201.

BORNHEIM, Gerd A. *Metafísica e Existencialismo*. São Paulo: Editora perspectiva, 1971.

CONTAT, M.; RYBALKA, M. Les Nouvelles Littéraires. In: SARTRE, J.P. *Oeuvres Romanesques*. Paris: Gallimard/ Pléiade, 1991.

COOREBYTER, V. Introduction. In: SARTRE, J.P. *La transcendance de l'ego et autres textes phénoménologiques*. Paris: Vrin, 2003.

LA CAPRA, Dominick. *A preface to Sartre*. New York: Cornell University Press, 1978.

FLAJOLIET, Alain. *La première philosophie de Sartre*. Paris: Éditions Champion, 2008.

\_\_\_\_\_. *Literature and philosophy in Sartre's early writings*. Sens Public, 2017. Disponível em: <[http://www.sens-public.org/article.php?id\\_article=360](http://www.sens-public.org/article.php?id_article=360)>. Acesso em: 23/06/2018.

KOLBERT, Jack. *Edmond Jaloux et sa critique littéraire*. Genève: E. Droz, 1962.

MOUILLE, Jean-Marc. *Sartre, conscience, ego et psyché*. Paris: PUF, 2000.

MOUTINHO, Luiz Damon S. *Sartre: psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PERDIGÃO, P. *Existência e liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre, L&PM, 1995.

REIMÃO, Cassiano. *Consciência, Dialéctica e*

*Ética em J.-P.Sartre*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 2005.

SAINT-SERNIN, Bertrand. *Philosophie e Fiction. Les temps Moderne*, Paris: v. 1, nº 531-533, p. 164-187, dez. 1990.

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

\_\_\_\_\_. *La Transcendance de L'ego*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1966.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *Les carnets de la drôle de guerre*. Paris: Gallimard, 1983.

\_\_\_\_\_. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: L'intencionnalité. In: *La transcendance de l'ego et autres textes phénoménologiques*. Paris: Vrin, 2003.

\_\_\_\_\_. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Ser e O Nada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, F. *Ética e literatura em Sartre: Ensaios introdutórios*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

THÉVENAZ, Pierre. La phénoménologie de Sartre. In: *Rev. de Théol. Et de Philos*. Lausanne, 1961, p. 294-316.